

Nº 04  
ANO 01  
Setembro  
1999



# Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



## **Sociedade Araruna Danças Antigas Semidesaparecidas**

**Araruna, palavra de origem indígena que equivale a nossa Graúna, Guira (uira) igual a pássaro mais una (preto), quer dizer pássaro preto.**



"A Sociedade Araruna de Danças Antigas e Semidesaparecidas" não é uma simples sociedade onde se pratica qualquer tipo de dança. As várias coreografias que são cultivadas nesta sociedade são relíquias culturais, verdadeiras maravilhas do folclore brasileiro quase perdidas na poeira do tempo.

Estas danças estão para nós, norte-rio-grandenses, como água limpa da fonte, guardadas em toda a sua originalidade e realidade popular. São partes do patrimônio estético do nosso povo, acompanhado de um grande esforço dos seus participantes, ensejando dores e alegrias, expectativas, êxito, lembranças de um passado que relembram com saudades.

O extraordinário Cornélio Campina da Silva veio de Pau dos Ferros, no alto oeste potiguar, sua terra natal, acompanhado dos seus familiares. Passou a residir no bairro das Rocas. Nas festas tradicionais, como quadrilha de São João, Natal e outras, aproveitava para exibir suas habilidades coreográficas. É quando teve a idéia de reunir todas em um grupo, que denominou de Danças das Ararunas. Incentivos não lhes faltaram, tais como: Luís da Câmara Cascudo, Djalma Maranhão e Veríssimo de Melo. Estava salvo, por tanto, um dos maiores patrimônios da coreografia popular brasileira. Araruna, palavra de origem indígena que equivale a nossa Graúna, Guira (uira) igual a pássaro mais uma (preto), quer dizer pássaro preto.



Em relação à história de que o pássaro Araruna veio lá do Pará, parece nos deixar dúvidas. É mais provável que este verso tenha nascido das trovinhas do folclore brasileiro. Sabe-se que este pássaro preto não existe só no Pará. Ararunas, Iraúnas Ou Graúnas existem em quase todas as partes do Brasil, inclusive no Rio Grande do Norte. Logo, este pássaro preto veio lá do sertão. Pois bem, graças ao formidável Cornélio Campina da Silva, todos os que têm a feliz oportunidade de assistirem suas apresentações deslumbram-se com os passos do Araruna, o charme da Mazurca, a maneira delicada de dançar o Caranguejo e a Maria Rita, a mímica da Jararaca, o carisma de Maria Rendeira e a Valsa da nobreza medieval. Todo esse acervo cultural enriquece nosso folclore, marcado por belíssimas melodias, passos bem ritmados e caracterizados por uma postura elegante, com gestos aristocráticos.

Os nossos estudos apontam que esta dança de salão passou para o povo, que dançava no interior do Estado, nas comemorações de plantações, colheitas, festas de noivado, casamentos, batizados e outras eventualidades. Conta o Mestre Cornélio Campina, quando entrevistado por nós, que naquela época rapazes e moças, quando se encontravam nas festas, "conversavam e trocavam gestos cavalheirescos". As moças sentavam em banco rústico, eram convidadas para dançar: aí se formavam as grandes rodas, onde ora convergiam os cavalheiros, ora as damas inspiradas nas músicas que animavam as festas. Era muito comum também nas comunidades sertanejas, nos salões ou ao ar livre, as damas darem o braço ao cavalheiro, segurar a saia rodada com as mãos, enquanto eles as apoiavam na cintura ou pelo dorso. Assim, sucessivamente iam progredindo as colunas de pares, alcançando o salão

em sentido contrário, um à direita e o outro à esquerda, avançando para o centro em coluna por dois, tal qual fazem os componentes do Araruna. De tal forma pode ter nascido a dança "xô xô xô Araruna", hoje composta de uma variedade de danças que elevam as tradições culturais. Araruna, nome dado a um grupo folclorizado, oficialmente organizado a partir de 1956, com a denominação "Sociedade de Danças Antigas e Semidesaparecidas", única no Estado com estatuto registrado e sede própria, localizada na rua Miramar nº 173, no bairro das Rocas, Natal/RN. No final dos séculos XVIII e XIX, muitas dessas danças eram realizadas dos sertões à capital do Rio Grande do Norte. Sua indumentária imita as antigas casacas e trajes femininos das sinhás de nossos engenhos, usados para grandes festas de gala do século passado. Vestidos longos e rodados com sobressaia: decote em três quartos com grandes

babados enfeitados de fitas prateadas, colares, brincos e cabelos presos num coque ao alto da cabeça; os homens se apresentam com calças pretas, listras nas laterais da calça, camisa branca, colete preto, gravata borboleta, casaca preta, luvas brancas e cartola preta. Cada dança tem um passo, alguns rápidos e outros lentos, que mudam de acordo com a coreografia. O acompanhamento é feito com sanfona, pandeiro e triângulo. A música surge e, com ela, a dança:

"Eu tenho um pássaro preto Araruna que veio lá do sertão, Araruna xô xô xô Araruna xô xô xô Araruna Não deixa ninguém te pegar, Araruna"



## Galante

O Grupo apresenta uma série de 15 (quinze) números. Todos, com exceção da polca, xote, mazurca e valsa, "originadas dos salões aristocratas e medievais, são tipicamente regionais. integrantes do cancionero popular nordestino e adaptadas às características peculiares de cada região. Primeiro araruna.

Segundo Número - Camaleão - muito dançada no Agreste e Sertão do Rio Grande do Norte, especialmente nas cidades de Angicos e Lajes, por existir nesta região um grande número do referido lagarto.

Camaleão foi a Palácio Falar com o Presidente (bis)  
Foi coisa que eu nunca vi Camaleão falar com gente (bis)  
Estrilho

Ó gente! Ó gente venham ver  
O nosso nobre Camaleão (bis)

III  
Camaleão foi a Palácio Falar com o Presidente (bis)  
Foi coisa que eu nunca vi Camaleão virar doutor (bis)

III  
Camaleão foi à missa Num cavalo sem espora (Bis)

O cavalo deu um pulo Camaleão pulou fora (bis)



IV  
Camaleão foi à missa Lá na torre de Belém (bis)  
O padre que celebrou Era Camaleão também (bis)

V  
Fui ao mato cortar lenha E vi um camaleão (bis)  
Segura meu bem, segura Segura com pé e mão (bis)

Terceiro Número - Jararaca - cobra muito venenosa que os nordestinos logo que a encontram procuram matá-la. Às vezes o pau caía das mãos e circunstancialmente teriam que eliminá-las com os pés. Esta atitude deu origem a uma música muito cantada e dançada no Agreste do Rio Grande do Norte.

Pegue o pau  
Agarra o pau,  
E mata a cobra Jararaca

Na execução da dança, todos os dançarinos fingem matar o ofídio com os pés.

Quarto Número - Caranguejo - crustáceo muito abundante no litoral nordestino, despertava a

curiosidade da criança que morava na orla marítima. As crianças costumavam pegá-lo com as mãos para brincar, as mães proibiam pelo risco que causava. Nestas circunstâncias surge a modinha.

Caranguejo não é peixe Caranguejo peixe é, Caranguejo só é peixe Na enchente da maré

Palma, palma, palma Pé, pé, pé,  
Minha gente venha ver O Caranguejo como é.

Quinto Número - Bode - mamífero macho da cabra. Conta a tradição que era muito comum nas regiões semi-áridas do nordeste o costume de pegar bode alheio para matar e vender, principalmente quando não tinha sinal para atribuir o seu dono. A população então começou a fazer trovas com este fato reprovável pelo costume da gente; e a quadrinha foi esta, muito dançada em Pau dos Ferros e outros municípios do Rio Grande do Norte.

Este bode é meu, Não é de ninguém Quem quiser dançar o bode, Faça assim também.

Mamãe no terreiro, Papai vai dançar, É mentira menina, Este bode não dá.

Sexto Número - Maria Rita - surgiu pela primeira vez no Rio Grande do Norte na cidade de Martins no início do século. Segundo a tradição popular teve a sua origem embasada no seguinte motivo: os rapazes tentavam namorar as moças da cidade e como nem sempre conseguiam, passavam a fazer modinhas desfazendo das jovens da cidade e valorizando as do campo.

É por isto que gosto Das meninas do sertão Cabelos soltos, saia curta E até com os pés no chão

Sétimo Número - Sete Rodas - É uma ramificação do xote. Conta a tradição popular que através de uma disputa as dançarinas colocavam no centro do salão um garrafão de vinho

ou de qualquer outra bebida; como norma do jogo, estabelecia-se que as dançarinas teriam que naquele xote rodado sete vezes não derrubar as garrafas, quem assim procedesse pagaria a bebida para a sua cavalheira e as demais do salão. Contam que havia até uma torcida organizada.

Oitavo Número - Maria Rendeira - Esta modinha inspirou-se nas prendas domésticas da época com aptidões de fazer renda. Dizem que os rapazes pediam às moças para ensiná-los este tipo de trabalho, só que o objetivo era outro, aproximar-se delas para namorá-las. Foi muito cantada e dançada pelas tropas do cangaceiro Lampião, transformando-se numa espécie de hino para deleite do citado facinora.

Olê mulher rendeira Olê mulher rendá

Tu me ensina a fazer renda, Que eu te ensino a namorar.

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova, Natal-RN. Fone: (64) 211-3241 / Fax: 211-9790. E-mail: mensagens@candinha Bezerra.com Internet: www.candinha Bezerra.com

Direção de Pesquisa  
Dácio Galvão

Programação visual  
D & S Publicidade

Colaborador  
Severino Vicente  
Pesquisador e Folclorista

Fotos  
Candinha Bezerra

Apoios  
Tribuna do Norte  
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para colecionar o seu **Galante**, nas principais bancas da cidade, Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão.





Nono Número - Mazurca - De origem européia, é um misto de valsa e polca em compasso ternário. Foi introduzida no Brasil no século XIX, passou uma boa parte no esquecimento, aparecendo novamente parecido com o estilo de rancheira. A tradição ignorando a origem deu o nome de raposa magra, apelido dado a uma velha escrava exímia dançadeira da época chamada da Joana.

Eu sou de Joana,  
Porque Joana é minha,  
Vou vender Joana,  
Pra comprar farinha.

Eu sou de Joana,  
Porque Joana é minha,  
Vou vender Joana,  
Pra comprar café.

De ladeira acima,  
Ou ladeira abaixo,  
Só vai com Joana  
Se for cabra macho.

Décimo Número - Miudinho - Segundo as informações colhidas em nossas pesquisas, esta dança teve origem nas inspirações poéticas dos rapazes da época através de declarações de amor feitas em forma de qualidade. Começou como samba de roda e depois passou para passos rápidos e pequenos. Declarações feitas do primeiro presidente do Araruna "João Francisco Gregório" o grupo apresenta o miudinho com as mesmas características quando era dançado na cidade do Assu na primeira metade do século.

Décimo Primeiro Número - Polca - Surgiu na Polônia. Foi introduzida no Brasil no século XIX onde apareceu pela primeira vez no Rio Grande do Sul. Com o passar dos anos sofreu algumas transformações no meio rural gaúcho até chegar ao nordeste do Brasil. O Grupo Araruna apresenta na sua forma original (tal qual como apareceu no nordeste) com a semelhança de marcha, onde em dado momento os dançarinos se distribuem em grupos de quatro e passam a dançar em conjunto numa perfeita harmonia com a música executada.

Décimo Segundo Número - Xote - De origem européia, chegou ao Brasil durante o Segundo Império. Pertenceu às elites palacianas. Só depois de alguns anos se infiltrou nos meios rurais do nordeste onde encontrou uma grande aceitação e popularidade.

Décimo Terceiro Número - Pau Pereiro - Planta muito comum no sertão nordestino, devido aos seus frutos serem amargos. O povo acreditava que nunca haveria aproveitamento. Os repentistas fizeram estes versos e que no

Rio Grande do Norte foi adaptado à concertina e muito dançado na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Pau pereiro, pau pereiro,  
Pau da minha opinião,  
Todo pau fulora e bota  
Só o pau pereiro não.

Décimo Quarto Número - Valsa - De origem francesa, veio para o Brasil de forma e rodada e em compasso três por quatro.

Décimo Quinto Número - Rancheira - presumivelmente de origem moura, chegou até nós no século XVIII e ganhou popularidade no nordeste do Brasil, onde ainda hoje é dançada pelo grupo Araruna, guardando todas as características de origem.

